

O terreno como fator de decisão na solução dos problemas táticos

Pelo Cap. PAULO ENÉAS F. DA SILVA

Instr. de Cav. da E. das Armas

“Todo ato de guerra está ligado ao terreno. Por sua natureza...”. (R. O. T., 1.ª parte, n. 1)

Em todo problema tático, os fatores de decisão, quando submetidos ao primeiro exame, permitem-nos certas conclusões que, posteriormente, analisadas juntamente com as demais, definem uma ou algumas idéias componentes da decisão final.

Entretanto, nesse exame imediato, nem todos os fatores permitem, com a mesma clareza e precisão, chegar a essas conclusões.

Concretizemos a observação feita:

— **A missão:** basta-nos apreciar os seus termos para concluirmos se se trata de uma operação ofensiva, defensiva, ou que atitude tomaremos em face da ordem recebida. Ela se nos apresenta sempre sob uma forma clara e precisa, indiscutível;

— **O inimigo:** embora represente sempre a grande incógnita do problema, ainda assim, apreciando-o de acôrdo com a situação e valores definidos, poderemos logo concluir que as suas possibilidades são tais ou quais;

— **Os meios:** êstes representam um dado absolutamente positivo do problema. As suas possibilidades são por nós conhecidas. Basta-nos adaptá-las em seguida à situação e, de acôrdo com a missão recebida, ao terreno.

Resta-nos o **terreno**. Apesar de constituir um elemento fixo no problema, exige, não só neste exame imediato, como em um outro mais detalhado, uma **objetividade absoluta**. Do

contrário, as expressões em que geralmente vem definido, nada mais representam que **definições**: zonas de ação, compartimentos de ataque, etc..

O que comumente acontece é o seguinte: tomamos da carta, ou então no próprio terreno, e depois de conhecermos a zona onde cumpriremos a nossa missão, passamos a uma verdadeira contemplação artística; **olhamos** o terreno em lugar de **examiná-lo objetivamente**. Este objetivamente, queremos dizer, de acôrdo com a missão recebida. Em seguida, após essa contemplação, em que mais apreciamos as formas do terreno, o seu aspecto exterior, e na qual sempre perdemos algum tempo (tempo êste precioso, principalmente quando êle representa uma sanção na resolução dos problemas...) cogitamos de concluir alguma coisa que nos servirá de base à nossa decisão. Ficamos então atônitos. Do terreno só pudemos concluir que é movimentado e talvez algo coberto; ou então, que a zona de ação em que vamos operar é **muito larga!** Perguntamos, qual o mal? Justamente essa **falta de objetividade no exame feito**.

Se o problema, por exemplo, é marchar, e já recebemos indicação da região para onde nos dirigirmos, o que solicitar do terreno? Exatamente os elementos que favoreçam, e também aqueles que possam perturbar essa marcha.

Se o problema é, agora, atacar, devemos pedir ao terreno tudo aquilo que nos possa conduzir ao êxito da operação.

Para que possamos dar um exemplo nítido dêsses pedidos ao terreno, abordaremos o problema do ataque nos seus mínimos detalhes. Vejamos então: a missão diz "o nosso Regimento vai atacar nas seguintes condições:

- **frente de ataque**: limitada por..... e
- **eixo de ataque**:
- **objetivos sucessivos**: e
- **dispositivo realizado**: às tantas horas.
- **desencadeamento**: às tantas horas.

Façamos inicialmente uma análise dessa missão, separando o que, no terreno, iremos examinar diretamente. O que nos interessa pois, é:

- a frente de ataque (o compartimento em que o Regimento vai operar);
- o eixo de ataque;
- os objetivos sucessivos.

Os demais tѐrmos da missăo săo consequęncias naturais dos primeiros, isto ę, serăo regulados depois de termos estudado convenientemente aqueles.

Com esta primeira anălise simplificamos de certo modo a missăo a cumprir; vamos entăo ao terreno com os elementos essenciais da missăo; estudă-lo-ęmos com absoluta objetividade.

Mas, como vamos estudă-lo agora? Façamos uma pequena observaçăo: a nossa missăo ę atacar; devemos nos lembrar de que o inimigo, para năo se deixar vencer, tudo fară para impedir ou dificultar, a execuçăo do nosso ataque. Consequentemente, lançară mão de todos os recursos que o terreno lhe oferece, para a defesa. Adaptară pois os seus meios a forma mais conveniente ao seu empręgo. Surge como consequęncia, a necessidade de examinarmos, primeiramente, o terreno no sentido das possibilidades do inimigo. Assim fazendo, poderemos chegar à certas conclusões que ditarăo, na maioria dos casos, a nossa idęia de manobra. Teremos definido qual a parte mais sensível da defesa inimiga. Para esse fim orientaremos o nosso esforço de ataque.

Depois, num exame ligado à missăo a cumprir, concluiremos os elementos que ditarăo, em última anălise, o nosso dispositivo tendo em vista a idęia de manobra assentada. Temos tambęm definido as condiçōes em que ęste dispositivo seră impulsionado, ou em outras palavras, o mecanismo do movimento no ataque.

E para que ęstes dois exames sejam feitos metōdicamente devemos fazę-los nos dois sentidos do tereno: longitudinal e transversal. Cada um dęles nos permitiră certas conclusões particulares.

Em seguida a estas observaçōes, passaremos à exemplificaçăo a que nos haviamos proposto.

O TERRENO ESTA' DEFINIDO PELO COMPARTIMEN DE ATAQUE

1) — Seu exame no sentido longitudinal e ligado às possibilidades do inimigo:

- a) onde já se revelaram as resistências do inimigo? De que natureza são elas ?
- b) onde novas resistências se poderão revelar? Neste particular devemos fazer uma pequena observação: não tratar **somente** de procurar no terreno onde novas resistências se revelarão; em qualquer movimento de terreno poderemos, ou antes, o inimigo poderá localizar um órgão de fogo. Seria um exame um tanto precário. O que interessa é saber onde novas armas, revelando-se, poderão influir diretamente ou indiretamente na execução do ataque. Salientamos bem, trata-se de examinar dentro de uma **objetividade absoluta**.
- c) o terreno apresenta, do lado do inimigo, obstáculos que possam impedir ou dificultar a progressão do nosso escalão de fogo? Estes obstáculos poderão ser tornados a favor pelo fogo do inimigo? Isso nos é particularmente importante porque nestes pontos o nosso apoio de fogo deverá ser mais intenso.
- d) onde o terreno apresenta facilidades para o inimigo fazer uso de suas armas de tiro tenso? O escalão de fogo nestas regiões será também mais duramente castigado.
- e) de onde o inimigo poderá agir com seus tiros de flanco sôbre o escalão de fogo? Sabemos que estes tiros são os mais temidos no ataque.
- f) o terreno favorece bons observatórios de onde o inimigo poderá exercer sua vigilância sôbre a execução de seus tiros de fogo e a do nosso ataque? Quando se dispõe de Artilharia, surge imediatamente a idéia de solicitar os seus tiros com o objetivo de **cegá-los**.
- g) onde possivelmente o inimigo concentrará as suas reservas. Será daí normalmente que partirão os contra-ataques. Sôbre estas regiões concentraremos parte de nossos tiros de fogo.

h) finalmente, no caso do ataque surtir efeito, teremos que examinar onde o terreno favorece ao inimigo caminhos de retraimento. Sôbre êles faremos alongar os nossos tiros a-fim-de perturbar a retirada.

2) — Seu exame no sentido transversal e ainda ligado às possibilidades do inimigo:

- a) como se apresentam os objetivos sucessivos a atingir? Sua posição relativa; têm comandamento sôbre a zona de progressão do nosso escalão de fogo?
- b) em cada objetivo, como se apresenta o terreno com relação às dificuldades que o inimigo apresentará à sua abordagem? Há pontos que tomados comprometem o restante do dispositivo inimigo?

3) — Seu exame no sentido longitudinal e ligado à missão a cumprir:

- a) trata-se de conquistar sucessivamente tais e tais objetivos; conseqüentemente, devemos verificar se para cada um dêles o terreno condiciona alguma parada intermediária, algum movimento de terreno cuja posse interesse antes do objetivo; isso determinará, em via de regra, os tempos do ataque a tal ou qual objetivo.
- b) se se trata de levar o fogo tão perto quanto possível das posições inimigas, e com o mínimo de perdas, teremos que verificar se o terreno apresenta corredores não batidos ou caminhamentos desenhados.
- c) todo ataque desemboca de uma base de partida; esta deve atender a determinadas condições para que seja realmente bôa. Então examinaremos no terreno estas condições.
- d) o exercício do comando é condicionado pela compartimentação do terreno no sentido longitudinal, permitindo ou não, as ligações laterais. O exame, portanto, neste sentido, nos permitirá concluir se o comando se poderá exercer ou não, nas condições exigidas.
- e) onde o terreno permite uma bôa colocação de nossas reservas?

- 4) — Exame no sentido transversal e ligado também a missão a cumprir:
 — o que nos interessa mais diretamente é a questão das possibilidades das transmissões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

— Tôdas as observações contidas nos dois exames feitos têm um valor relativo. A comparação recíproca, o balanceamento de suas conveniências, irá permitir ao Comando do Regimento, uma conclusão final que nada mais é que a sua **idéia de manobra**. Esta idéia é geralmente traduzida por uma direção de esforço ou pela divisão do ataque em certo número de fases. De qualquer forma, o terreno foi quem orientou esta decisão. E assim a doutrina do Regulamento base do estudo do terreno — o R. O. T. — foi obedecida.

